

PREFÁCIO

Patricia Bandeira de Melo¹

Quando fui convidada a orientar o então estudante Sergivano Antonio dos Santos no Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), eu não sabia de seu fôlego em empreender uma pesquisa e enfrentar um corpus ao mesmo tempo difícil e desafiador: os chamados livros de registros de ocorrências escolares. Afinal, como entender parte do universo escolar a partir das narrativas escritas à mão nestes arquivos, muitas vezes reportadas de modo reduzido e desorganizado? O exercício a que se lançou o autor deste livro é contado aqui e traz resultados esclarecedores sobre uma problemática que atravessa a educação pública brasileira: a violência no espaço escolar.

Escrever o prefácio desta obra é uma tarefa gratificante, em especial ao observar o percurso intelectual do autor deste trabalho, marcado pelo seu amadurecimento acadêmico, e que redundava em seu ingresso no doutoramento, agora já em vias de conclusão. Aqui neste livro, o pesquisador e professor Sergivano Santos faz uma análise detalhada das práticas de violência física entre estudantes do ensino médio, utilizando a Análise do Discurso de linha francesa para interpretar os registros dos livros de ocorrência de duas escolas públicas em Caruaru, Pernambuco, após uma análise documental realizada nessas escolas. Ao longo da pesquisa, ele soube integrar a abordagem discursiva com uma análise sociológica, oferecendo um olhar aprofundado sobre os conflitos no ambiente escolar.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora e pesquisadora.

Esse comprometimento, aliado à sua sensibilidade para compreender o contexto social e educativo, resultou em uma investigação que não apenas responde a questões acadêmicas relevantes, mas também contribui para o debate sobre a educação e a convivência no espaço escolar. Mais do que construir abstrações sobre as causas das agressões entre os estudantes neste ambiente, Sergivano analisa como os responsáveis por descrever os episódios de violência narram os fatos, como captam o que os estudantes envolvidos relatam destas situações e o que eles mesmos apontam como fatos motivadores. É, assim, um diagnóstico tanto daquilo que os responsáveis dizem sobre os estudantes (ou o que se fala sobre estas experiências) como da forma como os educandos tentam expressar as circunstâncias que envolvem as suas vivências.

Este livro traz à tona aspectos fundamentais e intrínsecos quando se empreende uma análise de discurso: que tipo de discurso, quem fala nestes discursos, quem emerge de forma passiva ou é silenciado ou apassivado? Além de perceber os enunciadores e suas motivações descritas nas narrativas, o autor também se atém ao problema educacional da punição associada às agressões registradas: como ele relata, muitas destas medidas disciplinares estão desprovidas de “qualquer processo pedagógico”.

A estrutura do livro reflete a consistência de sua análise. O primeiro capítulo apresenta uma discussão teórica sobre a violência, explorando suas diferentes manifestações. Em seguida, Sergivano Santos conduz o leitor a um estudo detalhado da análise do discurso, fornecendo um referencial teórico-metodológico essencial para a compreensão do corpus empírico. O terceiro capítulo examina as narrativas extraídas dos livros de ocorrências, revelando padrões discursivos e aspectos sociais que permeiam as práticas de violência escolar. Finalmente, o último capítulo estabelece um diálogo entre as ciências sociais e o ensino de sociologia, demonstrando como o

conhecimento produzido pode ser incorporado às práticas pedagógicas e ao debate acadêmico.

O apagamento de vozes nas narrativas, a tendência de dar um sentido à violência como algo naturalizado entre os jovens de escolas públicas, o silenciamento ou o apassivamento dos estudantes envolvidos nos fatos, enquanto emerge o sentido de um ethos de masculinidade que marca a violência na escola, são questões que merecem destaque neste livro. O autor traz exemplos profusos a confirmarem esta observação. Este ethos, porém, não é determinante apenas das relações de agressividade entre os meninos: as meninas também se envolvem em episódios de agressão entre si ou com rapazes, reforçando algo que merece debate na educação contemporânea, qual seja, a hipermasculinidade que também se expressa na relação entre mulheres, com a imitação da cultura de virilidade masculina.

Esta obra permite um olhar pouco comum sobre a violência na escola. Isso porque os livros de ocorrências são um espaço de estruturação de falas sobre o que também pensam os educadores que registram os atos violentos: se são eles que podem se tornar emissários de uma mudança sobre as práticas entre os jovens, a primeira mudança a se promover é a de uma desnaturalização da violência como algo comum entre os estudantes de escola pública e a percepção de que toda intervenção disciplinar ou advertência educativa relacionada às agressões entre os educandos tem que estar necessariamente fundada numa perspectiva pedagógica.

Tenho a certeza de que esta obra tem condições de vir a ser uma referência importante para pesquisadores, professores e todos aqueles que buscam compreender e enfrentar os desafios da violência no contexto escolar, em particular na forma de olhar o que acontece no chão da escola e de transformar a pesquisa que aqui se apresenta como uma forma de se transpor para os conteúdos do ensino de Sociologia no

ensino médio formas de abordagens e conteúdos que promovam a cidadania, a sociabilidade e a ética conforme preconizado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta abordagem, porém, não se restringe ao ensino de Sociologia, mas a qualquer disciplina escolar que pretenda conduzir a uma nova forma de convivência entre os jovens em sua formação escolar.

Como o autor defende, a problematização das práticas de violência física entre os discentes dentro da escola deve ser parte do processo de ensino-aprendizagem de modo que os jovens possam ressignificar as suas próprias ações. É o que ele chama de “construção de um olhar emancipador de si mesmo e do outro”, o que demanda do professor a abertura para outros campos de conhecimento de modo a conduzir o educando a entender as razões que o levam a buscar soluções de seus conflitos pela agressividade.

O reconhecimento de Sergivano à minha participação neste trabalho como sua orientadora de mestrado, ao me convidar para escrever este prefácio, é, para mim, uma confirmação do vínculo acadêmico e intelectual que estabelecemos ao longo dessa jornada. Mais do que uma preceptora, sinto-me parte do processo que culminou neste livro, e vejo nesta publicação um testemunho do esforço e da paixão pela pesquisa que ele cultivou com tanto empenho. Ao reforçar a contribuição desta pesquisa para a compreensão da violência no espaço escolar no Brasil, convido o leitor a se aprofundar nesta leitura, refletir sobre as questões aqui abordadas e reconhecer, como o autor nos mostra, que a conquista da cidadania é fruto do reconhecimento de si e do seu papel no espaço social.